

465. aos habitantes 6 872 937 510 e 6 874 029 508, abr 8, 1976

(aos filhos gémeos que serão)

viver é já suportar esta tortuosa angústia
acreditar que amanhã não existe como desejámos
é sempre amanhã
o dia da independência
da coragem que nunca será
amargurados pelo cansaço
repetimos o vazio
palavra alguma pode ocultar
gestos obnubilados
insignes
medra a dúvida por entre as memórias
recusamos esquecer

abolimos os gestos e a fala
em nós o desencanto niilista
gemes teu destino de mulher
e me-lo culpas
tornas-te vítima em ti mesma
imaginárias razões as que brandes
não me sobressalto
inexoravelmente
faliste os projetos todos

sem o ópio das religiões fatalistas
creio em mim
único a quem dou algo
sem exigir troca
outros me roubam e violentam
tentam reeducar-me
recuperar-me

aceitam o esquema
manietados
forças estranhas e milhentas
talvez nem isso
sou incómodo
marginal(izado)
todos se alheiam
me ignoram
os provoco porque existo
tenho voz e uso-a
para que não durmam tranquilos
obrigá-los-ei a duvidarem
uma só vez que seja
deles mesmos

dos planos sonhados
dos sonhos nunca inventados

(é sempre inócua a autodesculpa
condenando (sem justificar) os outros)

duas crianças à espera
do sacrifício de viver
previamente domadas
serão brinquedos na teia dos adultos

que chances tenho
eu
tu
nós
eles
onde a libertação dos jugos
múltiplos

me
te
nos oprimem
hostilidade circundante
sem, futuro para lhes ofertar
sonhos vagos
irrealizáveis

antigos
talvez esquecidos
sonhos em segunda
- que digo? -
em enésima mão

apodrecidos
inconfessos
envergonhados

legítimos?
que futuro?
que amanhã?
que presente?

velho de milhões de anos
o mundo
ainda nada feito
e tudo por fazer

que progresso?
civilização?
tecnologia?
compartilhável o retrato
da miséria
do silêncio

nem justifiquem
meditem

